

FALANDO SOBRE O PRÓPRIO PAÍS: Alemanha III

Bom dia, distintos e estimados ouvintes. As coisas estão outra vez de tal maneira, que eu preferiria não começar tocando em velhas feridas. Se me ocorreu como tema para hoje falar sobre este país, creio que a primeira coisa que conduziria a uma ressurreição, seria este manancial, esta fonte, que é a própria língua alemã.

Na ressurreição da devastação que afeta a todos nós, e da qual todos deveríamos procurar nos livrar, tanto através de nossas capacidades, como de nossa incapacidade, dialogando uns com os outros, percebendo que falando não só recobraríamos a saúde corporal, mas também alcançaríamos um conhecimento profundo do que ocorreu no chão em que vivemos e, mediante nosso próprio revitalizar, nos integraríamos ao solo em que nascemos, isto é, poderíamos levar a cabo um processo de cura. Falando a nossa língua e assumindo com franqueza aquilo de que não somos capazes e na séria intenção de aspirar a uma meta elevada, encontraríamos a segurança inicial para a possibilidade de experimentar em nós mesmos, quais seriam as características essenciais do caráter alemão, da capacidade alemã. Pela conformação desta língua, perceberíamos que, mediante seu emprego consciente, seriam oferecidos conceitos ao mundo, seria descrever a essência do que já foi dito (por mais enfermo que tenha sido), com conceitos adequados, de maneira tal que seria possível promover a cura.

Se falo aqui sobre nosso país, não posso evocar nada mais pertinente que a nossa língua. Meu caminho, por mais estranho que pareça, cruzou com o da linguagem; não partiu dos chamados dotes escultóricos. Como muitos sabem, iniciei estudos de ciências naturais e cheguei a uma convicção: as possibilidades se instalam em um terreno que exige algo completamente diferente da capacidade de chegar a ser apenas um bom especialista em um ramo qualquer. Sua capacidade é dar impulso amplo na tarefa que o povo terá.

O conceito de povo está vinculado de maneira fundamental à sua língua (bem entendido, povo não é raça). A percepção de que este é o único caminho possível para superar todas as terríveis maquinações inerentes ao racismo, sem perdê-las de vista um só instante, fez com que eu me decidisse pela arte. Se bem que por uma arte que me levou a um conceito de plasticidade que se inicia no falar e no pensar, que aprende a formar conceitos que podem levar, e me levaram, a sentir e a querer a forma. Se não recuei, nem desanimei foi porque me foram reveladas imagens repletas de futuro e, assim, outros conceitos se formaram.

Para mim, esses conceitos converteram-se em condição fundamental para a realização de uma escultura, isto é, que primeiro se produzisse uma forma intensa de pensamento e conhecimento e que, depois, ela se expressasse através do material, de uma matéria firme e dura. Desta maneira, me sinto obrigado a vincular algo nesta forma que se refira à crise, não só do povo, mas do mundo inteiro, no que se refere à deformação em que se encontra o organismo social. Para mim, converteu-se em uma tarefa configuradora e em uma necessidade escultórica, criar primeiramente uma condição que se constituísse em uma fonte de conceitos e idéias, de onde pudesse surgir uma configuração viva. Percebi que em meu campo de trabalho, na arte, impera um conceito que já não é válido, ou melhor, conceito nenhum. Porém este conceito inexistente tem caráter afirmativo. Afirma de si mesmo o que não é capaz de produzir. Saber fazer algo que teria de ser dominado e aprendido é justamente aquilo que o conceito tradicional de arte não deveria mais proporcionar.

Assim pois, lancei-me na busca de um pensamento sobre a linguagem e descobri que no povo alemão se encontrava a mesma força de ressurreição existente em outros povos. Porém, no nosso, isto só acontecerá através da radical transformação e renovação dos fundamentos do social. Tem que ser assim. Porque este tem que ser o nosso dever e, a seguir, também o de outros países.

O conceito tradicional de arte diz que na época moderna foram lançados, pela ciência, pela arte e pela tecnologia, importantes fundamentos. Na arte isto foi mostrado através de símbolos e enigmas (Kandinsky, Lemhbruck, Bauhaus, Klee), em cuja arte se percebe o que de caráter/sinal está contido na arte moderna, caráter este que aponta em direção ao futuro. Isto deixou de lado a maioria das pessoas, que em sua vida de trabalho não pode participar da evolução intelectual. Somente os privilegiados que haviam tomado parte nos processos culturais e educacionais burgueses puderam entender esta arte. E como poderia ter sido de outra maneira, se a maioria das pessoas tinha outras preocupações e necessidades que a dos artistas e seus apreciadores?

O fato de que esta trágica situação, para alguns foi um aviso, levou-me a um questionamento. A obra de arte transformou-se, então, em um enigma para o qual o ser humano teria que ser a solução. Aí se encontra o limite que eu considero o fim da época moderna, o fim de todas as tradições. A partir daí desenvolveremos, de comum acordo, o conceito social de arte. Das disciplinas tradicionais, como a arquitetura, a pintura, a música, a poesia, nascerá uma criança, a arte social, a plástica social, que propõe como tarefa não usar apenas o material físico, porque em todas as artes necessitamos do terreno espiritual, da Arte Social na qual todo ser humano se reconhece como ser criador, que determina e dá forma ao mundo. A fórmula que diz “todo ser humano é um artista” que causou muita polêmica - e que continua a ser mal compreendida - se refere à transformação do corpo social, do qual todos não só podem, mas devem participar, para que a transformação se dê o mais rapidamente possível.

Por isso prefiro fórmulas que, concretizadas, não só tenham um aspecto novo, mas que também contenham aquilo que é fundamental. Neste ponto quero deixar claro que não falo de algo que vocês são obrigados a acreditar. Eu estou apenas lançando uma questão e informando sobre o resultado do meu seminário. Não posso

explicar agora todas as questões epistemológicas*, apenas digo que, como fiz esta constatação, cada um deve olhar para o seu interior e movimentar em si mesmo, como linguagem, aquilo que o seu sentir e pensar desencadearem.

Fazer com que o pensamento influencie a vontade e que a vontade mude a linguagem, de maneira a que se produza uma espiral que suba cada vez mais alto e da qual surja a consciência do eu e a vontade de afirmação em cada ser humano. Porque somos desenvolvidos e temos uma história muito rica, inclusive crescemos numa época em que a humanidade criou gênios! De maneira que se diz por aí, que “*todo ser humano é um artista*”, não é preciso que se acredite nisso, porém é o resultado do meu trabalho.

Na constatação, na metade da minha vida, de que durante a época moderna, seria levada a cabo, necessariamente, uma profunda transformação na consciência humana, esforcei-me por fazer correlações, ensaios, experiências e, também, atitudes - embora, devo dizer, deixando de lado o conceito político, porque me parece fatal e sem utilidade - na tentativa de formar uma organização para a Democracia Direta, que tratou do problema da vida e da morte neste país, e de sua ascensão e queda

O ponto de partida orgânico é o que importa, é a fonte na qual poderíamos nos banhar e refrescar e da qual brota a consciência de nosso eu conectado com o pensamento e conhecimento. Considerei, por isso, necessário trazer à luz o polo de liberdade em uma experimentação a que se chamou de Universidade Internacional Livre. Eu mesmo como membro dela, fui, mais tarde, um dos fundadores dos “Verdes”.

E agora vejam vocês a que ponto as coisas têm um caráter experimental! Não quero falar nada, agora, a respeito do que os “Verdes” andam fazendo, somente quero dizer que, para mim, o conceito político torna-se cada vez mais impossível. Quanto mais penso no assunto, mais aparece o homem em sua pura autenticidade, como ser criador autônomo e tenho que considerá-lo, neste sentido, como um ser superior, especialmente no campo das forças democráticas. Falando do ser humano, é importante saber que o Eu pode ser reconhecido através de sua libertação e da conscientização daquilo que o determina.

Assim o caráter de autodeterminação se torna fundamental. Apenas com esta alavanca será possível uma reorganização da sociedade. Ela não pode ser esperada do sistema jurídico estatal, nem pode ser realizada à partir de forças econômicas. Temos uma burocracia partidária de centralização estatal e, no leste, uma democracia do *bureau* político (eles chamam a isto democracia). Em todas as partes a democracia é só aparente. O capitalismo ocidental privado, junto com o sistema parlamentar e os partidos políticos, forma uma conjuntura problemática.

A alavanca que deveria apoiar-se no homem livre, no homem que se auto-determina enquanto único criador do futuro corpo da sociedade existe e está aí de maneira muito mais evidente do que eu poderia afirmar neste discurso. Quero dizer que é preciso organizar escolas e universidades livres, que é preciso organizar escolas e universidades livres, que é preciso que surjam centros nos quais a criatividade seja estendida como ciência da liberdade. Para tanto não será preciso construir grandes edifícios. Estes centros já estão aí. Quem tiver um olhar sensível os encontrará em cada um de seus semelhantes. Talvez ainda embrutecidos, mas logo a linguagem se manifestará, e irá em direção à proposta destes centros.

Com tudo isso vejo claramente, que o caráter de autodeterminação terá que exercer efeitos sobre a Constituição de um povo, isto é, sobre a sua estrutura jurídica. Se hoje temos ou não democracia, é coisa que não quero questionar, mas também não quero tirar conclusões porque não tenho intenção de criticar. Quero apenas apontar para as imensas possibilidades, não utilizadas, que carregamos dentro de nós e que infelizmente pouco usamos.

Existe lógica no fato de que o artista que se auto-determina seja um ser criador (falo do homem enquanto artista). Posso criar um conceito de Deus e dá-lo às pessoas, porém não quero fazer isto, porque já foi feito através de Cristo. A atitude que tornará os homens livres, que significa Cristo no homem e que cria a soberania no homem já foi realizada. Porém guarda-se segredo sobre isto. As teorias materialistas se calam e também as igrejas silenciam.

Estas são as circunstâncias reais de nossa antropologia, de nosso ser, humano. O homem é silenciado pelo instinto de poder que o tem levado à ruína. Quero apenas assinalar a possibilidade de que o povo pode redigir uma Constituição e a ele se deveria pedir autorização quando se instalasse ou se organizasse algo de importância decisiva para a vida, como por exemplo, a instalação de armas nucleares em seus campos. E isto competiria ao povo, e não à seus ministros. É, portanto, uma concepção de força humana criadora fundamental, de um acontecer plástico que revolverá a Terra até suas entranhas e a revitalizará, e, novamente dará uma enorme força ao homem que vive em cima dela, criando-se assim, a forma jurídica necessária.

Essa humanidade!

E que nesta forma jurídica apareçam os direitos que ultimamente são apenas leis econômicas. Que possibilidades nós teríamos enfrentando algo que nos foi, previamente, imposto? Por isso mesmo não quero falar do caráter funesto das leis econômicas. Teria que surgir uma ordenação totalmente nova. O homem que estiver metido até o fundo nestas questões e que viver na experiência total de sua liberdade, sentirá como ela cresce mediante seu trabalho, tornando-se o gigantesco potencial dos criadores de formas. Saberá o que isto significa quando ouvir falar do surgimento da posição centralizada dos direitos humanos em sua organização.

Vocês podem reparar que eu falo como se fosse de um ser vivo. Porque isto tem que ter vida! Eu falo de algo pessoal quando proponho “Falar sobre a Alemanha”. Porque também é necessário falar sobre algo individual. Deste modo, o materialista percebe que se trata de algo com essência própria, de algo espiritual, que não pode ser alcançado apenas por medir, pesar, contar, ou através de um método científico natural físico ou

matemático, por mais importante que isto seja para muitos setores. Eu não sou ninguém, sou apenas aquele que escreveu instintivamente sobre o papel, pode até ser que eu seja um naturalista da pior espécie, porém percebo o meu materialismo quando escrevo sobre a Alemanha.

O materialista vai contra si mesmo, ao propor um tema como este, porque se trata de falar sobre seu espírito, de algo essencial que é preciso conhecer. Assim, trata-se da liberdade como força motriz. Porque em nenhum setor nada mais será possível, porque estão historicamente gastos, tanto na direita, como no terreno econômico. O único não desgastado é o da arte, desde o passado histórico, até retomar, no futuro, a totalidade: a do homem auto-consciente. Isto é arte e nada mais. E digo arte porque ela pode mostrar vários rostos, seu passado já ineficaz, o dos grandes sinais, ou seu rosto humano com sentido evolutivo.

Este é o limite entre o conceito tradicional de arte, o fim da modernidade, o fim de todas as tradições e o conceito antropológico de arte, o conceito ampliado de arte, a arte Social como condição prévia a toda capacidade. Porque a mistificação está sempre sendo forjada, e se repete com malignidade deformadora. Na semana passada, por estar muito em voga, ela provocou uma enorme confusão ao querer igualar tudo, fazendo com que os valores permanecessem difusos sob um conceito ampliado de arte, quando justamente o contrário seria o certo.

Na minha opinião, isto foi percebido, e se não o foi, é por culpa de pessoas que não deveriam estar trabalhando nos setores onde estão. Ou seja, reina um caos nesse país. Porém podemos consertar isso; nós não somos rancorosos, converteremos nosso opositor de ontem em um amigo de amanhã. Se isso se tornasse a substância básica do ser humano, seriam eliminadas as dificuldades que surgissem através de ideologias com propósitos de poder, porque ideologia não é o mesmo que idéia com sentido.

Ideologia é uma filosofia eufemística**, que tem sido exercida diligentemente em seu próprio proveito, tanto pelo capitalismo privado ocidental, como pelo socialismo. Em busca de coerência é preciso distinguir entre idéia e filosofia ideológica à serviço do poder.

Isto, naturalmente, é uma idéia epistemológica***, de suma importância, que penetra na antropologia**** e na substância do ser humano, ou seja, o que hoje não pode ser demonstrado - mas que amanhã talvez o seja - é o que cada um poderia ver e experimentar por si mesmo. O mundo está cheio de enigmas, mas a solução é o homem, portador do amor.

Uma ciência que foi capaz de um ato radical, que através do materialismo e do positivismo, por via analítica foi capaz de construir uma bomba atômica é para ser admirável, porém é improdutiva, não produz amor. Não se deve subestimar a bomba atômica, pois partiu da criatividade humana. Foi muito intenso o que aconteceu à inteligência humana, à disciplina interna e à força criadora intelectual com o aparecimento da bomba atômica e no geral, com o aparecimento do pensamento pós-moderno e das ciências naturais. Se não houvesse ocorrido este estreitamento, não estaríamos hoje falando sobre estas coisas: assim como eu estou tentando fazer com o meu balbuciar incoerente. Falar sobre o que poderíamos alcançar.

Com amor logo será possível fazer algo no próprio país através de um conceito ampliado de arte, a Plástica Social. Isto é até esperado de nós. Foi possível observar como nossos vizinhos, europeus, se mostraram emotivamente interessados quando surgiu o Partido Verde. O fato de que esta curiosidade tenha diminuído é porque não há muita coisa mais para ser vista, pois ele se voltou para antigas trilhas políticas.

Que quer dizer isto? O pior e o mais triste, pois ser capaz de fazer política, significa renunciar à todo um potencial de idéias para o futuro. Como vêm, acabo sempre voltando aos mesmos temas. É um circuito fechado. Porém existem pontos positivos. Uma coisa que é esperada dos alemães, ou seja, do país e que pode ser esperada realmente por causa da genialidade da língua que falamos.

Esta língua (sentido de verdade) mostra, de várias maneiras, como a linguagem trabalha na consciência humana, onde a linguagem se dá realmente quando falamos conscientemente: como através desta linguagem se forma a consciência, a autoconsciência, que torna possível a autodeterminação e como consequência lógica, auto determinada em todos os centros de produção no âmbito de produção da economia adequada à divisão de trabalho e, inclusive em escolas e universidades.

Com o conceito de autodeterminação, a política se torna supérflua, ou melhor, para tudo o que estou dizendo aqui não necessito do conceito político. Porque descrevendo o acontecer da liberação do trabalho sustentado pela capacidade do ser humano, torna-se lógica a noção de que será preciso restabelecer a liberdade, a qual terá que ser restabelecida primeiramente dentro de nós.

De maneira concreta: estabeleceu um regime escolar e universitário livre, que se autogoverne e administre. Uma vez liberado nestes centros, o trabalho será naturalmente liberado em todos os setores da vida econômica, através de leis econômicas atualizadas.

Atualmente, a capacidade que sustenta o trabalho é o capital. Porém o dinheiro não é um valor econômico! A relação entre capacidade (criatividade) e produto é o real valor econômico. Assim está explicada a fórmula do conceito ampliado de arte. Arte = capital. Deste modo, serão nossos os produtos dos quais realmente necessitamos. Não necessitamos de tudo que temos hoje para comprar, e somente porque assim o que o capitalismo privado incentivado pela ganância. Deveríamos por fim a tudo que nos impede de nos Declararmos a favor de nós mesmos.

Por isso temos que ter, logo, leis econômicas que ponham às claras a função do dinheiro, porque a liberação dessas leis é condição prévia para a liberação dele no trabalho, que ultrapassará o caráter de mera mercadoria e de objeto de intercâmbio, e converterá o dinheiro em base funcional do Direito, mais ainda, dos direitos

humanos, trazendo consigo a democratização dos processos monetários. A demanda aparente que encobre o poder do dinheiro, se converterá, então, em verdadeira democracia.

Tenho que lhes dar uma indicação sobre as grandes possibilidades que temos. Costuma-se afirmar que a intrincada economia mundial moderna é demasiado complexa para que um leigo a possa compreender. De fato, é complicada justamente para que ninguém a possa entender, com exceção daqueles que detêm o poder do dinheiro.

Liberdade, direitos!

Uma coisa é ter liberdade, outra é ter direitos adquiridos à partir da liberdade, e cada pessoa tem que fazer-se contemporânea desse direito, participando de sua configuração. Porque liberdade não é arbitrária. Ela tem que ser realizada de acordo com formas/regras severas, e, como o homem é um ser do devir, há de transformar estes direitos. Nesta tarefa de estruturação, visando os direitos humanos, o homem falará de um segundo ponto importante na constituição: o plebiscito. Falar; a favor de que se cumpra o que está escrito na Constituição, isto é, que o povo manifesta a sua vontade mediante eleições. Já possuímos uma lei eleitoral, que é hipertrófica, mas nos falta a lei do plebiscito, justamente onde o povo pode decidir e protestar- uma lei federal de plebiscito seria importantíssima na transição- e também que cada um apoiasse as iniciativas já existentes- que surgem e desaparecem constantemente. Teríamos que apoiar a lei federal do plebiscito com mais energia, qual seria a Lei Fundamental.

Sabemos que não é só isso e que as coisas têm que ser realizadas gradativamente, mas é preciso nos conscientizar de que é possível.

No que toca a vida econômica, eu teria muito mais a dizer. Estamos acostumados a considerar a vida econômica como uma estrutura da qual é possível tirar lucros. A obtenção de lucros é confundida com benefício para o homem. É natural que as pessoas busquem suas vantagens e lucros, porém este benefício não deveria advir do egoísmo, mas sim mediante outra visão do trabalho humano: do ser que é muito mais exigente, que quer obter algo para seu espírito, para sua alma, para o seu eu, para sua intuição, inspiração e imaginação.

Educa-se um instinto inferior, no homem, que o faz acreditar no dinheiro como vantagem. Estamos acostumados a ouvir que as empresas têm que ter benefícios para poderem subsistir, mas isto é pura insensatez, porque então a economia não serviria para mais nada além disso, em vez de servir para cobrir as necessidades humanas em todo o planeta. Porém, observando, comprovo que justamente a tal chamada economia de mercado - que afirma satisfazer às necessidades humanas - deixa morrer de fome praticamente dois terços da humanidade. Em tal economia não consigo ver nem o racional.

A pessoa que oferece um projeto alternativo, ou tenta desenvolvê-lo, é posta de lado. Dizem: “Isto é mística, você não entende nada.” Porém é visível que a economia, tal como funciona hoje, não satisfaz, absolutamente, às necessidades do homem e da natureza, tanto sob o regime comunista como sob o capitalista privado – e nem naturalmente falando - onde quer que haja necessidade de alimento, roupa e habitação, é preciso manter a qualidade de vida e a própria vida.

Pois não há nada que possa substituir a demanda do alimento para a alma. Mas se há alguma coisa que há de nos salvar nesta terra, este algo não será material. Não será sequer o corpo humano, pois todos sabemos que vamos morrer um dia. É preciso salvar a alma humana. Esta vida terá que dar frutos. Esses pontos de vista são considerados irrelevantes pela economia. Não são sequer levados em consideração, já é possível perceber que o homem está, pouco a pouco, libertando-se de seus grilhões, os egoísmos materiais.

É verdade que o egoísmo persiste em nós com muita força, no entanto se nos concentrarmos, veremos uma progressiva liberação desse vínculo. O Ego, o Eu exige um alimento espiritual também através da economia, se apercebe que o ramo mais importante da economia está na produção e não no consumo- até onde se trabalha segundo o princípio da divisão do trabalho, não onde atuam a pequena economia e as profissões liberais, mas nas mais importantes empresas do terreno da produção: as escolas e centros de ensino superior.

Neles é produzido o capital da sociedade. Capital não é dinheiro, capital é a capacidade e o produto desse trabalho. Nesse ponto aparecem mais provas a favor do conceito “*todo ser humano é um artista*” provas da veracidade desta alavanca que é a capacidade de cada um. O dinheiro não é um valor econômico. Porque o poder do dinheiro sempre atrapalha o livre e o democrático, e destrói o idealismo, temos que resgatar o verdadeiro conceito de capital. Já estamos indo de encontro a isto, quando percebemos que a consequência de um conceito que descreve todo ser humano como um artista, o descreve de uma maneira mais digna, porque o homem é o portador da dignidade, é o ser soberano e por isso se apercebe de que não é um valor econômico.

O valor econômico está na capacidade humana empregada no trabalho, e o que surge como produto é uma boa escultura, um quadro maravilhoso, um automóvel que não contamina o meio ambiente, uma batata saborosa, um peixe não contaminado pescado em águas limpas, não em um mar envenenado de tal maneira, que, melhor seria, não comermos peixe com frequência.

É preciso lembrar de evitar o medo e a histeria conseqüentes de uma compreensão errada do que seja ecologia. O princípio ecológico não tem sido bem compreendido. Começa com a idéia de que “*todo ser humano é um artista*”, isto é, com o conceito de liberdade de criação apontado para o social, visando um trabalho sócio-ecológico mediante o qual os danos ao meio ambiente são eliminados pela raiz.

É preciso dizer que esses trabalhos, tais como os realizados pela *Greenpeace*, são dignos de admiração e todos deveríamos apoiá-los. Não preciso dizer o quanto isto é importante, porém a informação é mais importante ainda, porque é desta maneira que se edificará o todo social com lógica- através de um ser humano criador-

desde a liberdade, passando pela direito à novas leis econômicas e a um sistema de crédito de utilidade comum. É preciso dar forma àquilo que ajuda o mundo a produzir bens físicos e espirituais altamente qualitativos.

E agora retorno às necessidades espirituais do homem, pois cresce nele uma necessidade cada vez maior. Escolas e centros de ensino, enquanto geradores deste produto espiritual, são as empresas mais importantes no campo da produção econômica. Temos que ser livres assim como a economia deve ser. E hoje está nas mãos do Estado! O que é isto?

Quem ali eleva a voz de mando o faz passando por cima da liberdade usando idéias que podem estar esclerosadas e que, digo tranqüilamente, estão. Não queria criticar, mas tenho que dizê-lo: são esclerosadas e mortíferas. Não há como não constatar ser mentira que vivemos em uma economia e mundo livres, porque as mais importantes empresas estão na mão do Estado. O Ocidente não pode afirmar que é livre em comparação com o socialismo e o comunismo que socializam todos os centros de produção, mesmo que estas empresas sejam consideradas propriedades do povo.

Eufemismo? Eu digo: é pura mentira.

Porque também entre nós, 60% das empresas do campo da produção, estão nas mãos do Estado, de modo que estamos a caminho do bolchevismo. Todas as escolas e universidades, têm que estar nas mãos de homens livres. Funcionários como agora? Tirem vocês mesmos suas próprias conclusões. Não podem estar nas mãos do Estado? A solução aponta para a liberação do ensino médio e superior, como uma importante tarefa, possível sob novas condições, através do plebiscito. Assim desaparecerão as causas internas do que sempre ocorreu e também na vida real terão sua praticidade: as novas condições.

Não é apenas uma intenção filosófica ou uma forma pessoal de ver. Pelo contrário. Vocês estão vendo, aqui, uma pessoa se esforçando, tentando mostrar como elas se apresentam (as novas condições) e que é possível dizer: a coisa existe, podem utilizá-la imediatamente, só é preciso procurar saber onde estão os homens que trabalham com ela.

Isto também é importante para mim, que digo que com o conceito de arte social, podemos ter idéia de como levar a cabo a transformação. Ou seja, que o organismo social está gravemente enfermo, e esta enfermidade se deve ao fato de que a evolução humana, desde o berço até a idade de começar a trabalhar ou ingressar em uma universidade, está decalcada em ideologias que os ministérios da Cultura desenvolvem a partir de uma visão estreita, e que não deixam os professores e estudantes com liberdade, isto é, nos deixa os membros das empresas atuarem livremente.

E seria normal, por exemplo, que numa fábrica de calçados, o Estado se metesse em tudo? Seria possível, no capitalismo privado, uma empresa de tamanho médio agüentar-se se a todo momento, um ministro se intrometesse? Mas não estou falando de um único proprietário. Falo de empresas em que os próprios colaboradores criariam sua lei orgânica e se auto-administrariam. Nas escolas seriam os professores e alunos que o fariam. Um sistema oscilante: ensinar e aprender. Porque nem sempre é assim, que só o aluno aprenda com seu mestre, pois com freqüência o professor aprende muito com seu aluno.

É realmente uma piada, que o âmbito espiritual tenha que estar isento de liberdade. A causa das duas guerras mundiais está radicada na escravidão do espírito pelo Estado e pela economia capitalista.

Não foi criado nenhum órgão que cuidasse da liberdade humana, nenhum órgão para a criatividade e para um conceito de arte pós-moderna. Tampouco aqueles que tanto falam em arte - os ditos conhecedores - criaram um órgão para a arte, nem para um entendimento do que causou a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais. E haverá, com certeza, uma terceira, se não emprendermos um novo começo através da ciência da liberdade, na qual "todo ser humano é um artista", sendo-se o que se é, trazendo à tona a soberania que cada um carrega dentro de si.

JOSEPH BEUYS

Versão do inglês para o português: Lia do Rio

*(grau de certeza científica, de valor para o ser humano)

(recurso lingüístico que substitui palavras e expressões sem significado, pelas elevadas) *(grau de certeza científica, para pensar o seu valor para o espírito humano, estudo do próprio conhecimento)

*****(ciência que se ocupa dos caracteres físicos dos grupos humanos: estudo das crenças e instituições que fundam as estruturas sociais)